

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

*Julianna Medina Pinto*

ENCONTRANDO UMA PORTA PARA O DIÁLOGO – RELAÇÃO  
FAMÍLIA E A ESCOLA

NITERÓI  
2017

ENCONTRANDO UMA PORTA PARA O DIÁLOGO – RELAÇÃO  
FAMILIA E A ESCOLA

*Julianna Medina Pinto*

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade  
Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de  
Licenciado em Pedagogia.

ORIENTADOR(A): MARIA TERESA ESTEBAM

NITERÓI

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ENCONTRANDO UMA PORTA PARA O DIÁLOGO – RELAÇÃO  
FAMILIA E A ESCOLA

---

**Prof.<sup>a</sup>**

**(Orientadora)**

---

**Prof.**

**(Parecerista)**

NITERÓI

2017

Agradeço ao meu Senhor Jesus que em tudo tem me amparado e sustentado.  
Também aos meus parceiros de pesquisa, mães e crianças que contribuíram para o meu  
aprendizado.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus por ter me dado forças ao longo desses dias de muito trabalho. A esta universidade, aos meus amigos de pesquisa que estiveram junto comigo no dia a dia desta pesquisa.

A minha orientadora Maria Teresa Esteban, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube nesta orientação, pelas suas correções e incentivos.

A minha mãe e meus irmãos que são, para mim, uma inspiração diária.

Ao meu lindo marido que me apoiou ao longo desta caminhada na universidade.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

*“Meu erro estava, primeiro, no uso da minha linguagem, de minha sintaxe, sem um esforço maior de aproximação dela à dos presentes. Segundo, na quase desatenção à realidade dura da imensa audiência que tinha em frente a mim.”( Freire, 1992,p.13))*

## SUMÁRIO

|      |   |    |
|------|---|----|
| I.   | INTRODUÇÃO .....  | 8  |
| 1.   | CAPÍTULO 1: FAMÍLIA E ESCOLA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....             | 10 |
| 2.   | CAPÍTULO 2: COMUNICAÇÃO ESCOLAR COM A FAMÍLIA .....                     | 20 |
| 2.1  | O desenvolvimento da pesquisa .....                                     | 23 |
| 2.2  | A educadora do reforço escolar .....                                    | 24 |
| 2.2a | As mães .....   | 29 |
| 2.2b | As crianças .....   | 32 |
| 3.   | CAPÍTULO 3: ENCONTRANDO UMA PORTA PARA O DIÁLOGO – AGENDA ESCOLAR ..... | 33 |
| 3.1  | Agenda escolar da Milhena .....   | 40 |
| 3.2  | Agenda escolar do Israel .....  | 47 |
| 3.3  | Agenda escolar da Bruna .....   | 52 |
| 3    | CONCLUSÃO .....   | 57 |
| 4    | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....  | 60 |
| 5    | ANEXO.....  | 61 |

## **ENCONTRANDO UMA PORTA PARA O DIÁLOGO – RELAÇÃO FAMILIA E A ESCOLA**

### **Introdução**

Este trabalho de pesquisa se empenha em identificar como acontece a comunicação diária entre a escola e a família - via agenda escolar- de três estudantes que estão cursando o Ensino Fundamental I em escolas particulares de São Gonçalo, Cidade metropolitana do Rio de Janeiro. Para realizar este estudo coletei informações das agendas escolares e também, busquei trazer elementos das conversas com as mães desses estudantes que, ao longo da pesquisa, foram ganhando formas para nos ajudar a conhecer um pouco mais essas famílias. E, assim, compreendi esse processo que ressignifica um instrumento escolar que por muitos é tradicionalmente usado para transmitir informações aos familiares sobre os acontecimentos escolares. Neste trabalho, mostro as tentativas de comunicação da escola com a família através da agenda escolar. A primeira educanda que apresento é a Milhena, que cursou neste ano de 2017 o primeiro ano do Ensino Fundamental. O segundo educando é o Israel que cursou o terceiro ano do Ensino Fundamental. E, por último, a educanda Bruna que cursou neste ano o quarto ano do Ensino Fundamental. As informações sobre a agenda escolar que citarei neste trabalho foram cedidas pelas mães através das agendas escolares de seus filhos. E a metodologia utilizada foram as conversas, realizadas de modo informal durante alguns poucos dias em encontros realizados nos horários de entrada e de saída das aulas de reforço escolar, nas quais atuo como professora. Travei



contato e encontros apenas como as mães e as agendas escolares dos educandos, por esse motivo ocultarei o nome das escolas nas quais os mesmos estudam. Também opto por não tratar as mães neste trabalho pelos seus nomes próprios, porque tenho a intenção de provocar nos possíveis leitores a mesma inquietação que me move nessa pesquisa: Quando as mães buscam meios de se fazer presente na vida escolar de seus filhos mesmo à distância, porque precisam trabalhar. Para desenvolver esta pesquisa, dialogo com alguns conceitos consolidados historicamente e que são pautados na classe trabalhadora. Neste trabalho, mostro alguns bilhetes escritos nas agendas escolares das crianças citadas e reflito com dois autores, Patto e Paulo Freire que me ajudam a entender a história destas famílias que, ao longo do tempo, têm sido marcadas por ideologias preconceituosas. Busco em Freire respostas de resistência a este movimento político e histórico que por anos vem desqualificando ideologicamente o compromisso da classe popular com seus filhos em sua vivência escolar.

No primeiro capítulo, apresento uma reflexão sobre o fracasso escolar e como algumas ideologias preconceituosas e elitistas têm se fortalecido ao longo da história no meio escolar desqualificando as famílias pobres na criação de seus filhos.

No segundo capítulo, apresento uma reflexão sobre a participação significativa da família na escola, utilizando agenda escolar como meio de comunicação entre a ambos. O capítulo dois está subdividido, a fim de se fazer conhecer o processo e os participantes da pesquisa: 2.1) O desenvolvimento da pesquisa; 2.2) A educadora do reforço escolar; 2.2a) As mães; 2.2b) As crianças;

Separo o capítulo três para apresentar com uma avaliação crítica alguns registros da agenda escolar: 3) Encontrando uma porta para o diálogo - Agenda Escolar.

## **CAPÍTULO 1: FAMÍLIA E ESCOLA- INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.**

O primeiro contato com as mães participantes da pesquisa se deu através das aulas de reforço escolar no contra turno, numa instituição privada chamada ZIPP Clube. Sou professora do reforço escolar e, durante o dia a dia de trabalho, percebi que as mães dos educandos estavam empenhadas em ajudar no desenvolvimento escolar de seus filhos. Embora não pudessem estar sempre presente na escola ou falando presencialmente comigo na instituição (ZIPPClube), buscavam outros meios de comunicação para me informar a respeito do rendimento escolar de seus filhos.

Todo o dia recebia mensagens de texto virtual no aparelho celular através de um aplicativo. Elas me informavam, essencialmente, o conteúdo no qual eu deveria trabalhar naquele dia com os alunos. Mas este não era o único meio que utilizavam para me informar a respeito dos conteúdos que precisavam ser revistos nas aulas de reforço. Nas agendas escolares vinham identificadas as páginas do livro didático a serem feitas, datas das provas e matérias que precisavam ser aprendidas para que o educando tivesse um bom rendimento nas provas e pudesse apropriar-se esses aprendizados. Lendo as agendas, pude perceber que, em alguns casos, a agenda escolar estava sendo um instrumento de comunicação entre a família e a escola e que essa parceria estava contribuindo positivamente no processo de ensino e aprendizagem destas crianças. Diante de tantas afirmações seculares sobre o descaso das famílias com seus filhos em relação à presença na escola durante as reuniões de

acompanhamento do desenvolvendo dos seus filhos, essas mães me mostraram através de seus bilhetes nas agendas, uma outra maneira de se fazer presente na escolar e acompanhar, quase que diariamente, o ensino de seus filhos, dialogando diretamente com o professor.

A relação entre a escola e família se mostra relevante para a aprendizagem infantil. Nesse sentido, é comum ouvir que quanto mais as famílias se envolvem com a educação dos filhos e participam ativamente da vida escolar, melhores são os resultados de aprendizagem dos estudantes, apresentando também impactos na melhoria do clima escolar e redução da indisciplina na escola. Com este capítulo pretendo trazer elementos para a reflexão sobre essa relação. Para isso me valho do artigo da *Maria Helena Souza Patto, A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro* (1992), dialogando, também com *Paulo Freire, com seu livro Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Estes estudos me ajudaram a compreender as evidências históricas e me guiar a uma possibilidade de intervenção.

Maria Helena Souza Patto trouxe como objeto de estudo, no artigo supracitado, o fracasso escolar das crianças pobres. Ela considera que o alto índice de reprovação e a evasão na escola pública, durante várias décadas, foram questões inaceitáveis e que as diversas tentativas de solucionar esses problemas, bem como as reformas educacionais, projetos de pesquisa na área e ainda um conjunto de medidas técnico-administrativas tomadas pelos órgãos oficiais, têm se mostrado ineficientes ao longo de sessenta anos.

A autora afirma que não se trata de problemas conjunturais, mais sim de uma incapacidade dessa escola de garantir o direito à educação escolar de todas as crianças e jovens brasileiros.

O texto da autora apresenta duas partes, na primeira, ela promove uma crítica a literaturas sobre as causas das desigualdades educacionais na sociedade brasileira e conta momentos históricos das concepções sobre o fracasso escolar. Na segunda parte, analisa os dados de uma pesquisa de campo, observando crianças moradoras da periferia repetentes de uma escola pública de ensino fundamental.

A autora define como necessário, na conclusão do seu artigo, conhecer, pelo menos em seus aspectos fundamentais, a realidade na qual se originou um determinado conceito sobre as diferenças de rendimento escolar existente entre crianças de diferentes grupos sociais.

Patto descreve historicamente o contexto socioeconômico e político no qual a representação de pessoas das camadas populares se desenvolveu, quase sempre, sofrendo preconceitos sociais. No contexto de sociedade capitalista, o pano de fundo é o ideário liberal, tendo presente o discurso da crença na possibilidade de uma sociedade democrática e igual para todos. Nesta ideologia, a escola funciona como instrumento de possibilidades de crescimento social e de prestígio com base na meritocracia.

Ainda em seu artigo, Patto diz que nos anos quarenta alguns artigos científicos expressavam opiniões estereotipadas e preconceituosas afirmando que famílias pobres eram tidas como insuficientes nas práticas de criação de seus filhos. Esses discursos, baseados em teorias científicas constituídas por elementos racistas e elitista, afirmavam que o que a escola procurava construir a família destruí.

Patto crítica, em seu discurso, a teoria da carência cultural, alegando, segundo a mesma teoria, que o ambiente familiar na pobreza é deficiente em estímulos sensoriais, em interações verbais, em contato afetivo entre os pais e filhos e ainda em interesse dos adultos pelos destinos de seus filhos. Naqueles estados, os altos índices

de reprovações se explicavam pela falta de apoio em casa, ficando em geral a criança por sua própria conta.

A autora declara que estas afirmações generalizadas sobre as crianças pobres dispensa a escola de sua responsabilidade, induzindo a uma concepção simplificadora do aparato psíquico dos pobres, vistos como menos complexos do que o de outras classes sociais.

E, para a autora, o preconceito não se limita apenas à criança, mas engloba toda família, quando esta, por muitas vezes, recebe da escola o adjetivo: desorganizada! Os pais são vistos como fontes de todas as dificuldades que as crianças apresentam no trato de questões relacionadas à escola e, por sua vez, as famílias são frequentemente citadas como irresponsáveis, desinteressadas, promíscuas, violentas, bêbadas, nômades, entre outros.

Para a autora, por em questão as explicações ideológicas das desigualdades de progressão escolar das crianças das classes subalternas não significa fazer elogio da pobreza, pois entre as crianças apontadas pela escola como problemáticas, há certamente uma parcela que precisaria de um atendimento especializado fora da escola, como acontece com tantas outras crianças mais privilegiadas economicamente e que recebem apoio médico, psicológico, fonoaudiólogo, entre outros, quando assim necessitam.

A autora afirma que também não se pode responsabilizar os professores pelas mazelas das escolas públicas de Ensino Fundamental, uma vez que eles possam ter vivenciado uma formação insuficiente, são porta vozes da visão de mundo da classe hegemônica e vítimas de uma política educacional burocrática.

Patto denuncia que, no Brasil, é cada vez mais evidente que o Estado serve aos interesses do capital e investe em educação escolar somente na medida exigida por

esses interesses. E a falta de dinheiro resulta em educadores maus pagos, dando início a uma série de complicações em cadeia, cujo resultado último é a má qualidade de ensino oferecido.

Para a autora, um dos elos destas cadeias são as mulheres, geralmente de classe média baixa que representam quase que totalmente o corpo docente de professores de primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, que trabalham porque precisam completar o orçamento doméstico e, que como donas de casa, acabam completando uma jornada de trabalho tripla. Além desta sobrecarga, pagam o preço de sua desvalorização no sistema educacional. Essas trabalhadoras da educação também desenvolvem meios para sobreviver: ter dois empregos, faltar, tirar licenças, evitar classes mais trabalhosas, mudar de escola no meio do ano letivo, quando tem a oportunidade de trabalhar mais perto de casa, etc. Essas atitudes procedem contra a boa qualidade da escola e instituem o desrespeito no trato com seus usuários. Insatisfeitas e desgastadas, as professoras tendem a viver o seu rancor na relação com o usuário desta instituição pública que como mostro nesta pesquisa, não é somente com o aluno, mas também com a sua família.

A autora critica a principal forma de relação da escola com a família que é a convocação dos pais, geralmente as mães, para que ouçam as reclamações de seus filhos ou são informadas de alguma deficiência intelectual que foi percebida pelas professoras. Contudo, nem todas as famílias reagem da mesma maneira. Entretanto, segundo Patto, todas valorizam a escola e lutam para manter seus filhos nela, até o último recurso.

A autora afirma que muitas mulheres são consideradas “arrimo de família”, na impossibilidade de contar com um parceiro para dividir o fardo cotidiano. Com isso, organizam o grupo familiar de modo a dar conta da sobrevivência de todos.

Muitas não têm, ou têm pouca escolaridade e, em geral, encontram dificuldades na relação com as escolas dos filhos, seja pela aversão às lembranças da sua própria escolarização, seja por conflitos nos históricos de seus filhos, ou até mesmo seja pelos dois fatores. (Haja vista que a escola não ajuda nesta aproximação, na aceitação desta mãe).

Para Patto, o tipo de mãe que a escola quer é a mãe idealizada, casada legitimamente, assíduas nas reuniões, participativa financeiramente nas programações escolares, agindo como um corpo docente oculto (ensinando lições escolares aos filhos em casa) e que, acima de tudo, não reclame nem reivindique nada.

Ao fazer uma análise ideológica da teoria da carência cultural, a autora aponta três causas para as dificuldades de aprendizagem das crianças das camadas populares: Primeiro, as suas condições de vida; segundo a inadequação da escola pública em lidar com esse aluno; e, por parte da professora, em terceiro lugar, a falta de sensibilidade e de conhecimento da realidade vivida pelos seus alunos, em consequência da falta de uma formação intelectual sólida que as instrumentalize para uma reflexão crítica a respeito da escola e da ação pedagógica numa sociedade de classes. (Uma vez que ambos fazem parte, muitas vezes desta mesma cultura, mas não se reconhece nela).

Patto afirma que a escola precisa de uma formação profissional, não somente técnica, mas uma formação intelectual consistente para uma reflexão crítica a respeito da escola e da ação pedagógica, numa sociedade de classes que os capacite a identificar quem são os reais opositores, podendo se aliar aos pais e aos alunos na luta pela escolaridade dos trabalhadores, sejam eles educadores ou não.

A autora afirma que só então a verdadeira carência cultural dos brasileiros, a que resulta na falta de acesso de todos ao melhor, que o espírito humano criou ao longo de sua história, começará a ser suprida.

A reflexão da autora sobre a abordagem das famílias é especialmente importante para este trabalho por me permitir uma compreensão mais aprofundada do meu tema de estudo.

Algumas pessoas têm a percepção de que a escola privada é melhor do que a pública, no que diz respeito à organização, espaço, ensino, etc. Contudo, não o é, necessariamente, pois dependendo da escola, os educandos são de mesma faixa etária e problemáticas, independentemente do seguimento social. E estas crianças e mães com quem dialogo nesta pesquisa, poderiam estar em qualquer um desses espaços escolares vivenciando o mesmo contexto social. São crianças que viveram o insucesso de sua não aprendizagem durante o ano letivo, não apenas neste, mas em outros anos letivos também. São mães trabalhadoras, preocupadas com o desempenho escolar de seus filhos, que buscam outros meios para fazer parte da vida escolar dos seus para se aproximarem da escola e das professoras, buscando caminhos que abram uma nova porta de entrada. Por sua condição de trabalhadoras, têm dificuldade de ir à escola, participar das reuniões ou conversas com as professoras, por isso precisam encontrar maneiras de se fazer presente. Nos casos aqui citados, utilizam para isso a agenda escolar de seus filhos.

Aprendo com Paulo Freire, em sua obra: *Pedagogia da Esperança*, que é preciso sempre alimentar a esperança de que a mudança é possível; e de que as injustiças, as desigualdades e a miséria possam um dia, senão desaparecer completamente, ao menos ser amenizada ou corrigida. Acredito que não se pode acomodar, usando desculpas para a desesperança, e compactuar, ainda que indiretamente, com os escândalos e problemas sociais. A obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* me ajuda na discussão sobre a relação entre a família e a escola por me oferecer portas de entradas para o diálogo que se faz necessário para consolidar uma boa relação. Com Freire, encontro o diálogo



como meio para a construção de reflexões necessárias à redefinição das relações. O autor relata dois episódios que marcaram de tal forma sua pessoa que o acompanharam por toda sua vida. Um deles, que trago aqui, é a fala de um operário em uma de suas palestras e de como a fala desse operário marcou fortemente seu conhecimento sobre as desigualdades sociais e de como tais desigualdades se refletem em vidas tão diferentes como a dele, Paulo Freire, e a do o operário em questão, por exemplo.

[...] veja, doutor, a diferença. O senhor chega em casa cansado. A cabeça até que pode doer no trabalho que o senhor faz. Pensar, escrever, ler, falar esses tipos de fala que o senhor fez agora. Isso tudo cansa também. Mas – continuou – uma coisa é chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as crianças tomadas banho, vestidinhas, limpas, bem comidas, sem fome, e a outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo que acordar às quatro da manhã do outro dia pra começar tudo de novo, na dor, na tristeza, na falta de esperança. Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites não é porque a gente não ame eles não. É porque a dureza da vida não deixa muito pra escolher (2011,p. 13-14).

Este discurso foi para Freire um ponto culminante de seu processo de aprendizado, não que já não soubesse disto antes, mas apontou e ressurgiu o fato de que o educador ou a educadora quando fala ao povo, deve ir transformando-se junto com o povo.

No discurso do operário ficou muito claro que ele estava pedindo a Paulo Freire um olhar mais aguçado sobre sua realidade, um olhar mais atento as suas especificidades. Afinal, Paulo Freire e o operário procuravam ser compreendidos, estavam ambos pondo suas questões com a finalidade de serem, de fato, ouvidos. E assim como é na vida onde o diálogo é o combustível para o crescimento, a escola e família não necessitam apenas ser ouvidas, elas, na verdade, necessitam se ouvir mutuamente. É necessário conhecer o outro para então, compreendendo sua realidade, buscar os meios para seu crescimento. Pular esta etapa é um erro de dimensões imensuráveis. É como tratar dor de dente com pomada de queimadura. Nunca surtirá o efeito desejado.

Para Freire, a luta com os oprimidos é uma das tarefas da educação popular e democrática possibilitando às classes populares a submersão na sua realidade por meio da linguagem e, nesse sentido, *a linguagem se torna o caminho de invenção da cidadania*. (Freire, op. cit.,p.21)

Neste livro, Freire relembra alguns acontecimentos que o levaram a pensar sobre a obra *Pedagogia do Oprimido*, como algumas cartas recebidas que interrogavam uma certa linguagem “machista” de Paulo Freire, no sentido de que ele sempre se referia aos “homens” lutando pela sua libertação e nunca às mulheres, ou seja, não havia espaço para as mulheres.

Me lembro como se fosse agora que estivesse lendo as duas ou três primeiras cartas que recebi, de como, condicionado pela ideologia autoritária, machista, reagi [...] mas, ao ler as primeiras críticas que me chegavam, ainda me disse ou me repeti o ensinado na minha meninice: “Ora, quando falo homem, a mulher necessariamente está incluída”. Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “Quando falo homem, a mulher está incluída” [...] Escrevi então, a todas, uma a uma, acusando suas cartas e agradecendo a excelente ajuda que me haviam dado. Daquela data até hoje me refiro sempre a *mulher e homem* ou seres humanos. Prefiro, às vezes, enfeitar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista. Agora, ao escrever esta *Pedagogia da esperança*, em que repenso a alma e o corpo da *Pedagogia do oprimido*, solicitarei das casas editoras que superem a sua linguagem machista (p. 35).

Com isso, Freire se dá conta o quanto a linguagem é impregnada de ideologia e como é necessário recriar a linguagem em uma sociedade que almeja pôr um fim na ideologia machista. Se a ideia é uma transformação radical da sociedade, essa transformação deve acontecer também no campo da ideologia, apagando todos os restos de um passado machista e de dominação e subjugação da mulher. Para o mundo mudar radicalmente, segundo o autor, a linguagem deve acompanhar essa mudança e modificar o mundo, que inclui neste processo a mudança da linguagem. Esta é mudança que a escola precisa, este processo pode desconstruir, resignificar linguagens, conceitos e preconceitos determinantes e profundos nas raízes da nossa sociedade

brasileira, como os pontuados acima no artigo da *Maria Helena Souza Patto, A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro.*

Ao responder as objeções feitas quanto ao papel da luta de classes como “motor da história”, Freire se detém um pouco mais na reflexão sobre o papel das classes trabalhadoras, cuja motivação deve ser provocar um novo tipo de relação com as classes dominantes. A luta de classes não é algo que se aprende em um curso de especialização, mas no momento histórico e na cotidianidade. O que não significa dizer que o aprendizado das lutas operárias não possa acontecer também através de cursos teórico-práticos de formação.

Além disso, a luta de classes, como projeto, não elimina a esperança, pois o futuro libertador com o qual se sonha não é inflexível e não está determinado. Antes se deve refazê-lo. E a educação tem um papel fundamental neste ponto: não só a educação escolar, mas uma educação das massas, uma educação popular que possibilite a passagem de uma “consciência ingênua” para uma “consciência crítica”.

O educador deve se familiarizar com as semânticas dos grupos populares. Compreender, como fazem eles, sua leitura do mundo, entender seus estilos indispensáveis à cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da brutalidade a que estão submetidos.

Os trabalhos de Patto e de Freire são relevantes para que eu possa compreender os processos que promovem o distanciamento entre a escola e as famílias. Reconhecer seus maiores movimentos de busca e interação e vislumbrar ainda caminhos para a tecelagem de relações mais dialógicas. A família e a escola são dois ambientes que precisam se aproximar. Um dos pontos que enfraquece esta boa relação entre a escola e a família pode ser a falta de organização da escola que não sistematiza encontros e discute essas questões ideológicas com a própria escola como

nos sugere Freire, preparando a escola para receber a família. A escola, por sua vez, deveria problematizar as questões ideológicas e elitistas apontadas no artigo de Patto, fazer mais planejamentos ou políticas públicas que estabelecessem estratégias que integrassem as famílias na vida escolar de seus filhos, entendendo que o mero repasse esporádico de informações por parte dos professores sobre o desempenho do educando não é insuficiente para diminuir a distância entre a familiar e a escola.

Haja vista, que os encontros com as famílias nas reuniões de pais, têm muito a melhorar, um fato que pode ilustrar a falta de disposição que algumas escolas têm em lidar com as famílias é o hábito de não chamar essas pessoas pelo nome, mas sim por “mãe” e “pai”, esta pode ser exemplo de uma falta de delicadeza que não contribui para tal aproximação. Outra atitude escolar a ser ajustada é o de chamar a família apenas quando surgem problemas. Essa prática, inevitavelmente, vincula o ato de ir à escola para receber da escola notícias necessariamente negativas. A família deve ser tratada como parceira e não como culpada por algo que aconteceu na escola. E se essa família fosse convidada para cerimônias de reconhecimento boas notas? Exposição de trabalhos, atividades comunitárias, festas, etc.? Talvez desta forma a família pudesse se sentir engajada nas atividades escolares de seus filhos.

## **CAPÍTULO 2 - COMUNICAÇÃO ESCOLAR COM A FAMÍLIA**

Para que a participação da família se torne significativa na escola, é necessária, antes de tudo, uma mudança de atitude por parte de todos.

Encontrar formas que viabilizem a participação das famílias nos processos escolares ainda é um desafio a ser enfrentado, pois é comum famílias acharem que

cabe à escola tomar a iniciativa de procurá-los, enquanto a escola transfere grande parte da responsabilidade do desempenho do estudante para a família.

Em muitos casos, as famílias só são chamadas para falar sobre os filhos quando ocorre algum problema na escola como citei anteriormente na síntese da obra de *Maria Helena Souza Patto*, intitulada: *A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro* (1992). Quando as famílias tomam a iniciativa de procurar a escola, esta nem sempre se mostra preparada para acolhê-los. E o inverso também ocorre: diretores que tentam atrair as famílias, mas nem sempre conseguem.

O desafio é romper esse distanciamento e criar uma estratégia de aproximação, algo que seja possível fazer em curto prazo, uma vez que o tempo não espera, o ano letivo segue sempre em frente. Esse deve ser o compromisso tanto dos gestores e formuladores de políticas públicas quanto dos diretores, professores, funcionários e pais ou responsáveis no cotidiano escolar. Que estes, uma vez conscientes do problema, busquem aliança com as famílias dos educandos na luta pela escolaridade como incentivam Patto e Freire em seus textos.

É preciso gerar empatia entre os pais e a escola, a capacidade de se colocar no lugar do outro e imaginar o que aquela pessoa sente e vivencia, entrar em contato com o outro através da escuta, do olhar, da pesquisa, vendo o outro em suas necessidades e frustrações, compreendendo assim, suas demandas e possibilidades.

Mas, como criar nas escolas uma cultura de diálogo com os pais ou responsáveis? O diretor tem papel central nesta tarefa, mas ela não cabe apenas a ele. Tanto os funcionários quanto os professores precisam estar abertos a ouvir as famílias. E estas, por sua vez, necessitam entender o esforço que a equipe escolar realiza para o desenvolvimento de seus filhos.

Todos precisam sair da sua zona de conforto em busca um atendimento sobre o que é melhor para os estudantes e de qual maneira é possível viver isso.

A responsabilidade de agir e criar pontes com as famílias e comunidades não deve ficar somente sobre os ombros de alguém que se importe com o quadro para que, nos dias de hoje, a escola possa se aproximar da família que trabalha e que, muitas vezes, não tem tempo para uma presença física na instituição escolar.

Esta presença dos pais existe, mas não é física. Outras formas de se fazer presente no espaço escolar estão surgindo nos tempos de hoje. As redes sociais, como o *Facebook* (uma rede social virtual muito utilizada como meio de comunicação online), *WhatsApp Messenger* (um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares) por exemplo, fazem parte da escola facilitando a comunicação entre pais, entre professores e seus colegas e entre pais com seus iguais. Em muitos clãs virtuais (grupos de pessoas unidas por uma afinidade ou finalidade) O surgimento das redes sociais proporcionou enormes mudanças na maneira de comunicação. Por essa razão, muitas instituições começaram a pensar maneiras de aproveitar o potencial das redes sociais para se comunicar com as famílias e as famílias, por sua vez, estão correspondendo.

Uma outra maneira de correspondência entre pais e escola, dentre várias maneiras citadas, não é mais tão atual, mas ainda existe nesta relação: é a correspondência através de cartas. A observação das agendas escolares dos educandos me permitiu perceber similaridade destas correspondências, são mensagens manuscritas das famílias para a professora da sala de aula e também da professora para a família utilizando a agenda escolar, que são levadas e trazidas para casa diariamente.

Então o educando faz o papel de “carteiro”, sendo ele o facilitador desta correspondência. Observei também que essas escritas nem sempre se apresentam de maneira formal, pois a informalidade, neste tipo de contato, torna interessante certos tipos de ações: Por exemplo, a de um responsável com a intenção de romper a impossibilidade de se fazer presente ou a de um professor sensível que aceita esse responsável e se comunica com ele a fim de construir um diálogo que vá além de um comunicado padrão. Uma comunicação que vise o sucesso da criança em todos os sentidos de cuidado no dia a dia da escola, entendendo a família e ela se fazendo entender.

As mães trabalhadoras usam esta ferramenta para dialogar com o professor de sala de aula, uma vez que nem sempre podem estar presentes para discutir questões importantes sobre o desenvolvimento escolar de seus filhos. Favorecendo este meio de comunicação, do outro lado está a professora que se apropria, juntamente com as mães, deste meio para se comunicarem a respeito do rendimento escolar. Dialogando, quase sempre, diariamente.

## **2.1 – O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

A inquietação que me move nesta pesquisa começou durante as aulas de reforço escolar nos momentos em que eu lia as agendas e buscava nelas as orientações para os estudos na classe de reforço. Apresento neste capítulo três educandos das aulas de reforço, os quais pude identificar em suas agendas escolares, enquanto a lia, algumas singularidades dentro desta mesma proposta de pesquisa, que é a tentativa de diálogo da família com a escola através da agenda escolar.

Os três participantes desta pesquisa foram as mães dos educandos da aula de reforço escolar: A mãe da Milhena de seis anos de idade, cursando o primeiro ano do ensino fundamental, a mãe do Israel de nove anos de idade, cursando o terceiro ano do ensino fundamental e a mãe da Bruna, aluna que está cursando o quarto ano do Ensino Fundamental. Todos eles estudam em escolas particulares diferentes no mesmo bairro. E também participou desta pesquisa a educadora do reforço escolar.

Os dados para esse trabalho foram obtidos por meio da conversa e análise de materiais escolares. As conversas foram realizadas com as mães e foram feitas no ZIPPCLUBE, num local onde a privacidade dos estudantes pudesse ser preservada. Estas conversas tinham como o objetivo esclarecer as situações escritas nas agendas escolares e entender como as mães e as professoras estavam utilizando esse instrumento. Foi permitido o uso de imagens e relatos das histórias e conversas nesta pesquisa, conforme é possível verificar no anexo deste trabalho. Não tive acesso às opiniões das professoras de sala de aula, mas conversamos, segundo a opinião das mães, sobre como elas respondem (escrevendo na agenda ou não) às demandas das crianças em relação ao seu desenvolvimento escolar.

Haja vista que o fato de não responderem os recados nas agendas, nem sempre indica que não querem, mas que também podem não ter tido tempo de fazê-lo, naquele dia ou não podem, talvez por não terem autorização, para escrever nas agendas além daquilo que é padronizado, repassado pela orientação pedagógica.

As conversas com as mães foram feitas em horários distintos, como na chegada e /ou na saída do reforço escolar. Cada criança tem seu horário de atendimento, elas não se conhecem. Para coleta de dados, considere os seguintes documentos: avisos, bilhetes, recados, mensagens, registros conversas na agenda,



fontes fundamentais para levantar questionamentos sobre como funciona a comunicação entre a família e a escola. Contribuindo com o trabalho desta pesquisa.

## **2.2 - A EDUCADORA DO REFORÇO ESCOLAR**

Neste ano estou desenvolvendo um trabalho de reforço escolar com algumas crianças que estão buscando recuperar o rendimento nas provas escolares. Essas crianças estão sendo incentivadas e acompanhadas por suas famílias. Diariamente, recebo mensagens de texto no meu aparelho celular dessas mães informando alguns pontos da matéria que precisam ser revisados.

A atividade do reforço escolar, na instituição ZIPP Clube, exige do professor uma rotina de procedimentos como: sentar-se próximo ao educando, folhear seu caderno escolar em busca de alguns exercícios que podem estar incompletos e que precisam ser feitos pelo educando. É preciso refletir junto com a criança sobre os possíveis erros pontuados pelo professor da escola nos cadernos escolares. Um dos procedimentos de rotina do professor de reforço é olhar a agenda escolar em busca de recados e bilhetes que informem as tarefas que devem ser feitas em casa (ou no reforço) e matérias que precisam ser revisadas para que o educando esteja apto a fazer as provas bimestrais ou trimestrais (depende da escola) resultando num bom rendimento e apropriação deste conteúdo. E, ao folhear as páginas das agendas escolares em busca dos bilhetes informativos educacionais, percebi neste instrumento escolar uma porta de entrada no cotidiano escolar através do diálogo que algumas mães conseguem com os professores da escola, embora trabalhem muito e, por esse motivo, estejam ausentes na escola, em reuniões escolares, nas conversas triviais entre as mães que estão aguardando o horário de entrada e saída dos educandos na escola...

Essas mães encontram essa porta para entrarem na sala de aula e conversarem com o professor a fim de acompanhar o rendimento dos seus filhos, e esta porta é configurada pela agenda escolar. Conversas escritas que resultam no fortalecimento dessa relação, construindo uma parceria em prol da aprendizagem, desenvolvimento de seus filhos nos espaços escolares, digo espaços, porque me incluo nesta forma de comunicação que a família também me ofereceu e eu aceitei. Comunicamo-nos, como antes dito, através das mensagens de texto, não que eu nunca tenha visto essas mães e que a escola também nunca as veja, mas nem sempre é possível para essas mães estarem presente quando a escola precisa expor alguma situação que necessite de uma intervenção tanto da família quanto da escola naquele momento. E, para isso, a comunicação através da agenda escolar, em alguns casos, se mostrou bastante eficaz e eficiente.

Eu sou a educadora da atividade de reforço escolar, tenho vinte e oito anos e estou concluindo o curso superior de pedagogia. Trabalho com reforço escolar para diferentes educandos de anos escolares variados num curso de Integração Escolar Chamado ZIPP CLUBE (Zona Interativa de Projetos Pedagógicos) em São Gonçalo. O ZIPP é uma instituição privada que oferece às famílias atividades extracurriculares no contra turno escolar para crianças na faixa etária de quatro a doze anos. Os cursos são: desenho artístico, ballet, robótica, natação, reforço escolar, dentre outros. As crianças que vão para o ZIPP através do transporte escolar fazem parte da integração escolar, ou seja, elas permanecem no local até cumprir toda a rotina de atividades. As refeições também são providas pela instituição, como: almoço, lanche e janta. Uma vez que a rotina contratada chega ao fim, as crianças se preparam para irem embora, também utilizando o transporte escolar, na maioria dos casos. Outra maneira das crianças frequentarem o ZIPP é quando os familiares vão levar suas crianças para

fazerem atividades pontuais e aguardam o termino daquela atividade para levá-lo embora.

Um dos meus instrumentos de trabalho como professora de reforço escolar é a agenda escolar, pois através dela é possível saber o calendário de provas e as páginas das tarefas de casa no livro didático. Em alguns casos é possível saber o rendimento do aluno, porque são colados na agenda os bilhetes com as notas das provas. Também é possível em alguns casos saber sobre o comportamento dos alunos quando o professor descreve elogios ou críticas em suas páginas. Não é permitido fazer anotações nas agendas escolares, apenas leio e sou informada sobre o cotidiano escolar daquele educando.

Neste trabalho pude perceber que os responsáveis que contratam este serviço, o reforço escolar, geralmente o fazem por indicação da escola. Antes disso, os familiares recebem da escola o boletim com o baixo rendimento do educando nas notas das provas, e em seguida, a professora aconselha aos pais que busquem alternativas para facilitar a aprendizagem, uma vez que a família não tem tempo em casa para auxiliar seus filhos nos estudos. Por mais boa vontade que tenham, o horário não ajuda. Eles saem cedo de casa e voltam ao entardecer ou, muitas vezes, já de noite quando a criança já está bem cansada para começar a estudar para uma prova ou fazer a lição de casa com grandes textos das matérias de geografia ou de história, por exemplo.

Somando ao cansaço da criança, está também o cansaço do responsável que quando chega em casa faz as possíveis tarefas domésticas e já se encontra esgotado pelo cansaço do trânsito e do trabalho.

Estas mães acabam se aliançando aos filhos na prorrogação dos estudos do tipo: “amanhã a gente acorda mais cedo e faz....” sem que realmente seja possível fazê-lo.

O reforço escolar entra nessa situação. Muitos pais matriculam seus filhos para terem a garantia de que seus filhos estão estudando com o auxílio de um adulto comprometido com aquela atividade e com o prazo para aquela matéria ser aprendida.

Como educadora, me comunico com as mães, que em muitos momentos não estão presentes. Mas em alguns casos nos vemos no horário da saída do educando da instituição, quando alguma mãe vai buscá-lo após o trabalho e conversamos sobre a escola.

Também nos falamos através de conversas escritas transferidas online pelo aplicativo de celular: *WhatsApp*.

Em um dos dias de reforço, a mãe da Bruna, começa a receber bilhetes na agenda escolar. Este bilhete dizia que algumas atividades que foram passadas para serem feitas em casa foram entregues pela criança na escola de maneira incompleta, havia algumas questões em branco e que, por esse motivo, ela teve que copiar a resposta da atividade no quadro negro para completar a tarefa que ela não soube fazer em casa.

Após ter lido este recado da professora na agenda da Bruna, perguntei a ela o que tinha acontecido na escola, porque a professora escreveu este recado na agenda dela? Ela me disse que a professora perguntou porque motivo ela não fez o dever de casa por completo? E ela respondeu a professora que não tinha feito àquela questão porque não sabia! Ela não tinha entendido o enunciado da questão.

Pensando na situação, verifiquei que ela foi, provavelmente, punida com a cópia da atividade proposta pela professora e também fui levada a pensar na

pouca relevância da atividade naquela rotina escolar, pois parecia ser algo que apenas devesse constar no caderno. Como ela é uma criança, este bilhete não foi direcionado somente a ela, mas também à família, pois agora para evitar esse tipo de procedimento feito pela professora, seria bom que não houvesse mais tarefas em branco na próxima aula, mesmo sendo apenas uma ou outra entre várias recebidas diariamente da Escola.

Então, ela não sabia a resposta, disse que não fez porque não entendeu. E ainda assim a professora pede para ela copiar a resposta escrita no quadro negro da sala de aula e, em seguida, escreve em sua agenda a denúncia de que ela está copiando do quadro porque não teve quem explicasse a resposta em casa. Procurei a mãe para saber mais sobre isso...e...

Conversando com a mãe dela sobre o assunto, ela disse que iria à escola conversar com a professora, mas que não tinha esperança de que a escola compreendesse que a filha dela não estava aprendendo o conteúdo com clareza e que algumas perguntas do livro didático fossem realmente confusas.

Ela contou que já tinha passado por esse tipo de problema antes em outras escolas. Já teve que estudar, explicar, corrigir conteúdos, às vezes por completo e precisou até identificar conteúdos que ficaram perdidos pelo caminho, atrapalhando o rendimento escolar daquela criança durante o próprio ano letivo.

Disse ainda que no terceiro ano do Ensino Fundamental a estudante não estava se saindo bem nas atividades da escola e nem estava com bons resultados nas avaliações, principalmente na disciplina de matemática.

Já no final do terceiro bimestre, a mãe percebeu que sua filha não tinha aprendido a dividir (uma das operações matemáticas). E, por esse motivo, não estava conseguindo acompanhar a turma que já estava avançando nas operações de dois números divisores.

Ao descobrir isso, a mãe contou que ficou se perguntado: *Por que aquela professora não descobriu isso? Por que minha filha está tão perdida nas aulas? E porque motivo a professora percebendo isso não interferiu, a fim de desvendar a razão de tantos fracassos nas operações matemáticas?* Terceiro bimestre, o ano já estava acabando e ela poderia não se sair bem nas avaliações finais. Poderia perder aquele ano escolar e ter que cursar novamente todos os conteúdos, porque não dominava apenas um dos conteúdos com tanta clareza.

A partir da desse fato ocorrido, passei a observar mais as agendas e vi algumas possibilidades que podem ser utilizadas, a partir desse material, para a pesquisa. Com a aceitação das mães, que se tornaram as minhas parceiras nesse trabalho.

E se essas perguntas não foram feitas à professora, tão pouco foram respondidas! A imagem deste bilhete informado acima não está neste trabalho, mas trago aqui outros que puderam me ajudar a entender como o ano letivo de Bruna seguiu e como foi possível resolver outros problemas, até mesmo ligados a este. O retorno que a mãe recebeu da escola, retorno que pareceu punitivo, abriu uma porta que contribuiu para o desenvolvimento desta parceria.

Esta situação vivida pela mãe de Bruna me levou a ter um olhar mais atento às agendas escolares. Desde então, cada dia, achava mais bilhetes nas agendas escolares correspondidos pela família e a professora da sala de aula.

## **2.2a- AS MÃES**

Nessa etapa apresento as mães das crianças e procuro pensar essa tentativa de diálogo e como elas se apropriaram das agendas escolares reinventando a sua utilidade como meio de se relacionar com a escola. Questão essa que me inquieta: *De que forma a família se faz presente mesmo quando esta ausente? Como se dá essa relação da família que está no trabalho e distante da escola do filho?*

A mãe da Milhena possui o Ensino Fundamental até o oitavo ano. Ela trabalha em casa vendendo alimentos caseiros, tem dois filhos e a Milhena é a mais velha. Ela é casada e todos moram juntos, tem trinta e seis anos, moram numa comunidade próxima à escola na cidade de São Gonçalo. Esta mãe é muito presente na vida de seus filhos, apesar da sua maneira humilde de viver, investe tudo o que tem na boa educação deles. Está sempre por perto nas aulas de reforço e gosta muito de conversar sobre a Milhena e em relação ao seu desenvolvimento nas matérias escolares. Sempre carinhosa, educada, parceira. Uma pessoa muito querida. Não é diferente das outras mães, quando se compara o lado afetivo.

A mãe do Israel possui graduação em Administração, trabalha atualmente em casa. Ela é casada, está no segundo casamento e tem dois filhos do primeiro casamento, sendo Israel, o filho mais velho. Todos moram juntos em um “morro” próximo à escola também na cidade de São Gonçalo. Ela tem trinta e nove anos, é muito agitada, está sempre com muita pressa, indo a vários lugares durante o dia, fazendo ligações ... E muito interessada na vida escolar de seus filhos. Está sempre colando marca textos nas páginas das atividades que eles devem fazer no reforço. Às vezes, me manda mensagens de texto explicando as conversas com a escola sobre as notas das provas e o comportamento. Neste último mês, ela me pediu conselhos para dar a professora da escola do Israel, porque ele não estava fazendo as tarefas de aula, mas as do reforço ele fazia, embora o contexto da dinâmica de estudo fosse diferente.

Conversamos sobre a possibilidade dela sugerir à professora que fizesse algumas avaliações orais, pois o Israel se expressa muito bem e consegue relacionar os conteúdos escolares aos fatos, exemplificar conceitos, problemas matemáticos através da oralidade. Israel foi diagnosticado com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade -Doença crônica que inclui dificuldade de atenção, hiperatividade e impulsividade). A mãe tem muitos conflitos com a escola, por causa do seu comportamento. Ele conversa demais, brinca demais em sala de aula, costuma não fazer as tarefas de aula. Segundo a escola, agita os demais educandos em horários não apropriados.

A mãe da Bruna possui graduação em Administração, tem quarenta anos e está desempregada. Ela é casada, está no segundo casamento. Bruna é filha única do seu primeiro casamento. Todos moram juntos em outro município, longe da escola. A mãe da Bruna é muito atarefada e de todas as mães, infelizmente a mais ausente. Trabalhava até pouco tempo muito longe e muito pouco nos víamos. Mas é muito interessada no estudo da filha. Todo o material didático de Bruna é de muita qualidade. Ela é uma mãe muito solícita. Responde prontamente a qualquer dúvida e busca sempre resolver os problemas de maneira rápida e pacificadora. Essas mães chamam a minha atenção pelo grande esforço que elas têm em acompanhar quase que diariamente o rendimento escolar de seus filhos. As escolas em que eles estudam são exigentes, frequentemente a lista da tarefa de casa é muito grande e as crianças não conseguem dar conta de tanto conteúdo em tão pouco tempo. Todavia, essas mães incentivam seus filhos e conversam com a professora da sala de aula, através da agenda, sobre assuntos que possam estar atrapalhando este processo. Essas mães são interessadas em saber se houve aprendizagem ou ainda não. Frequentemente, recebo mensagens de texto e também já li nas agendas falas como: “*e ai, melhorou?*”



*Aprende?*” fala de uma mãe. Sempre esperançosas de que uma hora eles vão aprender e avançar.

## **2.2b- AS CRIANÇAS**

As crianças parceiras desta pesquisa são as crianças da aula de reforço com as quais trabalho, reforçando a aprendizagem dos conteúdos escolares, são eles: Milhena de seis anos de idade e cursando o primeiro ano do Ensino Fundamental. Ela ainda não sabe escrever nem ler fluentemente, mas está em processo de alfabetização. É uma criança muito delicada, gentil. Não gosta de errar, fica muito preocupada com a caligrafia. Apaga, escreve, apaga e escreve até ficar “redondamente correto”. Faz muitas caretas quando está com dúvidas. É fácil saber quando ela está com medo de errar, porque expressa a vergonha de dizer no corpo. Já está no reforço há dois meses. Antes não lia, acredito que por vergonha e insegurança. A mãe disse que a professora notou a diferença e que as aulas estão ajudando muito. Ela está mais participativa nas aulas e mais segura para fazer as lições de casa e de aula.

Israel tem oito anos e está cursando o terceiro ano do Ensino Fundamental, ele tem diagnóstico de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade - Doença crônica que inclui dificuldade de atenção, hiperatividade e impulsividade), realmente é mais trabalhoso lidar com ele, é uma criança muito carinhosa, comunicativa, mas resistente a alguns procedimentos que são necessários como leitura de textos maiores e escritas que exijam dele uma resposta mais fundamentada. Está no reforço desde o início do segundo semestre.

A Bruna tem nove anos e está cursando o quarto ano do Ensino Fundamental. Antes, não gostava muito de ler, nem de escrever, estava sempre com pressa para acabar logo a tarefa da escola e começar a brincar com os amigos. Todavia, quando começou o recesso escolar de dezembro, ela descobriu a poesia e agora tem dedicado o seu tempo a escrever poemas sobre todo tipo assunto. Ela frequenta as turmas de reforço desde o início do ano letivo. Diariamente nos encontramos nas aulas de reforço escolar para fazermos as lições de casa e aprendermos mais sobre os temas das aulas nos aprofundando nos conteúdos das disciplinas.

### **CAPÍTULO 3 – ENCONTRANDO UMA PORTA PARA O DIÁLOGO - AGENDA ESCOLAR**

Neste capítulo, busco mostrar a agenda escolar não apenas como um meio de transmitir informações padronizadas pela escola, mas também como um material ressignificado pelas famílias que procuraram se apropriar do mesmo, reinventando seu uso diário, vendo neste objeto uma possibilidade para se comunicar com o professor da sala de aula.

Como professora do reforço escolar, sinto a mesma dificuldade que a escola tem para encontrar as mães dos educandos. Em meu cotidiano, observo que assim como as mensagens de texto (através do aparelho celular) são importantes na comunicação com a família, a agenda escolar também contribui para facilitar a comunicação entre os mesmos.

Apoiada nessa ação, o objetivo geral da pesquisa é refletir sobre como a agenda escolar é utilizada nas escolas e as contribuições que o uso deste suporte pode trazer.

Na escola onde esses educandos estudam, no momento em que a criança é matriculada, ela adquire uma agenda escolar caracterizada com a logotipo da escola. Esta deve sempre permanecer na mochila da criança e o familiar responsável pelo educando deve rubricar todos os bilhetes e mensagens enviados através da mesma evidenciando que estão cientes dos avisos e recados enviados.

Na primeira folha da agenda há um espaço com os dados de identificação da criança e dos responsáveis. Em cada folha da agenda estão as datas do ano letivo e existem páginas que são destinadas apenas para comunicados, nesta parte não é especificado a data nem o horário, o próprio responsável pela comunicação preenche os dados informando o dia e a hora daquele bilhete.

Nos casos que acompanho, os estudantes levam diariamente a agenda na mochila, e no final da aula a professora dita o que deve ser escrito na agenda. São os próprios estudantes que escrevem os recados à lápis. Geralmente, é a página do livro didático ou exercício que deve ser feito no caderno como tarefa de casa. Todos os recados têm o “ciente” como última palavra, este é o local onde os pais devem assinar.

Quando a escola quer comunicar algo aos pais, manda para sala de aula os recados já recortados para serem colados nas agendas. A professora cola os bilhetes passando de mesa em mesa.

Depois de escreverem nas agendas, tendo sido colado alguns bilhetes ou não, os estudantes mostram à professora como foi que eles escreveram na agenda. Este momento é também utilizado pela professora para verificar a caligrafia e se a escrita está correta. Aproveita o momento e confere a agenda do estudante e vê se há ali algum recado do responsável. Geralmente a criança mostra para a educadora com antecedência quando sabe que a mãe enviou o recado, facilitando a comunicação.

Não é incomum ouvir de mães e pais que a escola fecha a porta para o diálogo quando a família deseja participar ativamente da construção das ações pedagógicas junto a seus filhos. Os responsáveis reclamam que há unidades de ensino que respondem secamente que já há um projeto pedagógico em andamento e que o estudante precisa se adaptar a ele.

Outras escutam os familiares com muita educação, mas na hora de resolver os dilemas, continuam sem investir nas transformações da ação docente.

Todavia, o inverso também acontece. Escolas que cobram e desejam a participação mais ativa da família, mas encontram dificuldades, sobretudo, na ausência de envolvimento das famílias na construção de estratégias pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento da aprendizagem dos seus filhos. Famílias que não participam são também muito comuns.

O educando, independentemente de suas singularidades, tem direito a uma educação de qualidade, que contemple suas demandas. Essa qualidade também é construída em rede na sociedade da qual fazemos parte. Por isso, família e a escola devem ser as primeiras instituições a se mobilizarem juntas para tecer redes para extrapolar a educação de qualidade no contexto escolar e acadêmico.

Para isto, algumas ações são imprescindíveis de serem realizadas em conjunto, a escola e a família constituem uma comunidade de aprendizagem. Portanto, ambas devem se envolver plenamente nas demandas dos educandos, percebendo que as situações recorrentes em sala de aula não os define. É preciso encontrar na própria instituição, seja ela a escola ou a família, as respostas para a construção de ações estratégicas que garantam seu direito ao ensino.

Há escolas que determinam ações que interferem diretamente na rotina escolar alterando projetos e avaliações em um único dia. Sem nem ao menos

dialogarem com o estudante e sua família para juntos se organizarem, valorizarem, tornando essas ações importantes e úteis.

Há outras que engavetam os documentos, pedidos, sugestões das famílias, como se fosse mais uma reunião burocrática a ser cumprida.

Nessa monografia, trago a importância das agendas escolares propondo um trabalho colaborativo entre ambas as instituições. A escola pode solicitar informações sobre o dia a dia do estudante e compartilhar orientações pedagógicas para que os familiares as desenvolvam em casa. Do mesmo modo, é fundamental que as famílias escutem essas sugestões sem menosprezar o conhecimento profissional daqueles que atuam como educadores. Assim, eles demonstram acreditar no potencial de aprendizagem dos próprios filhos.

Não basta apenas colocar o estudante dentro da escola. Não basta deixá-lo ali por anos. A aprendizagem é complexa e singular para cada educando. Família e escola devem se configurar como partes indissociáveis desse processo. A diferença de cada um deve ser considerada como algo próprio. Ninguém é igual. Ninguém aprende da mesma forma. Acesso à educação, à apropriação dos conteúdos escolares é um direito do educando e uma obrigação de toda a sociedade.

No desdobramento deste capítulo, trago algumas páginas das agendas dos educandos Milhena, Bruna e Israel, alunos do reforço escolar. Nestas agendas posso identificar três situações distintas. Em cada uma delas há uma tentativa de se comunicar além da simples informação referente à rotina escolar.

A mãe da Milhena aventura-se na comunicação com a professora da sala de aula através da agenda escolar. Contudo, é possível perceber que a escola não abre esta porta de diálogo. Ela quer se corresponder com a professora relando questões importantes sobre a Milhena que vivencia alguns dilemas na escola que estão

comprometendo o seu aprendizado. Todavia, estes bilhetes são sempre respondidos de forma padrão pela coordenação ou direção escolar. Os recados em “formato padronizado” também não se endereçam pelo nome, mas a chamam de “mãe” ou “mãezinha” na tentativa de mostrar afetividade. Contudo, sabemos o quão importante é tratar as pessoas pelo seu nome, pois ao chamar alguém pelo seu nome, além de ser uma demonstração de respeito por ela, há também a transmissão de interesse e consideração. Através dessa atitude, marcamos a individualidade do outro, ganhamos confiança e proximidade. Tratando a pessoa pelo nome demonstramos que a conhecemos e, desta forma, podemos gerar nela um sentido de importância. A mãe da Milhena, após algumas tentativas fracassadas de se comunicar com a escola através da agenda escolar, aborta a ideia e busca outras maneiras de acompanhar o processo de aprendizagem de sua filha.

Já a mãe da Bruna decide que vai se comunicar com a escola através da agenda escolar, informando que não há outro meio, pois a demanda do seu trabalho impossibilita a frequência regular da mesma nas reuniões de pais e também informa à professora que haverá a intervenção de outras pessoas, segundo ela, o avô da Bruna e também a professora do reforço escolar, no caso, eu. Todos nós estaremos assinando e nos responsabilizando por este processo vivido pela Bruna neste ano letivo. As professoras regentes assinam e buscam durante todo ano letivo esta parceria da família. Expondo de maneira muito clara o desenvolvimento da Bruna e os pontos nos quais a família precisa intervir.

Na agenda escolar do Israel verifico que a professora abre esta porta para este meio de comunicação. Diante do contexto vivido pela professora, que se depara com o comportamento desafiador do Israel, ela busca na família um auxílio, complementado o trabalho escolar, uma vez que o Israel decidiu não fazer as tarefas escolares na sala

de aula. A mãe de Israel aceita esta proposta, embora não tenha sido feita de maneira tão clara e objetiva como foi no caso da Bruna. A mãe do Israel compreende que este é um meio direto de comunicação com a professora da sala de aula e se empenha em colaborar com o intuito da professora. Estas conversas não são sempre amigáveis. Mas todas elas são sempre sobre o rendimento escolar.

E assim, posso ver que este é um meio possível e direto, também no acompanhamento de um caso importante que necessite do acompanhamento mais presente de um familiar para somar forças na intervenção de alguma situação escolar vivenciada pelo educando e até mesmo situações políticas que esta escola esteja convivendo que necessite da intervenção ou parceria destas famílias para superarem possíveis dificuldades e/ou melhorias no espaço escolar.

Trocar informações informais ou formais transformando e se transformando junto com as famílias. Quem mostrará a escola para a família? Que escola os pais podem conhecer senão a que lhes está sendo mostrada? Que tipo de qualidade se pode escolher, quando falamos sobre educação? O que mostrar da escola? Como é a luta da escola? Como é a escola? Quem é a mãe trabalhadora, professora? Quem é esse responsável trabalhador?

A citação abaixo do texto “Certeau e as Artes de Fazer - Pensando o Cotidiano da Escola”, de ALVES, Nilda (UERJ) e OLIVEIRA, Inês Barbosa (UERJ/UFF) explica que alguns atos e usos práticos, de objetos, regras, linguagens, que foram historicamente constituídos são também reconstituídos de acordo com o proveito disto nas situações no dia a dia. Não estão presos a um estado antes estabelecido, mas se relacionam com a realidade ganhando novas maneiras de uso e regras através de seus usuários.

As práticas cotidianas, no entanto, para além de seus aspectos organizáveis, quantificáveis e classificáveis, em função daquilo que

nelas é repetição, é esquema, é estrutura, são desenvolvidas em circunstâncias, ocasiões, que definem modos de usar as coisas e/ou as palavras. Como os utensílios, os provérbios ou outros discursos são 'marcados por usos'; apresentam à análise as 'marcas de atos' ou processos de enunciação; significam as 'operações' de que foram objeto, operações relativas a situações e encaráveis como 'modalizações' conjunturais do enunciado ou da prática; de modo mais lato, indicam portanto uma 'historicidade' social na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos mas como instrumentos manipuláveis por usuários. (1998, p. 82)

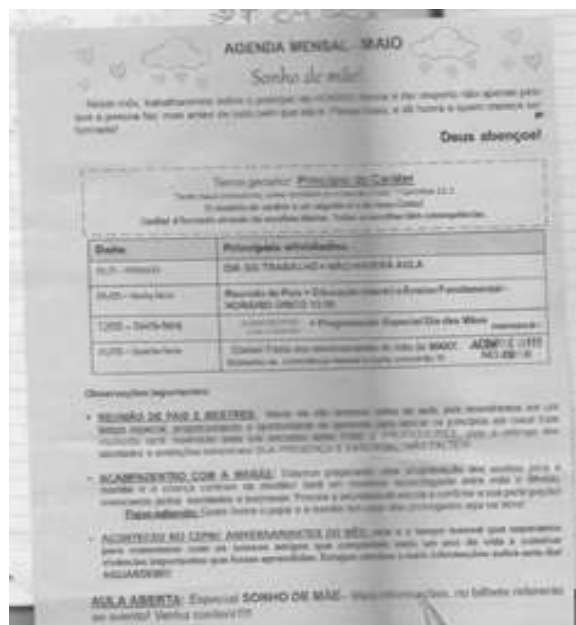
Existem, portanto, fora daquilo que à ciência é permitido organizar e definir em função de estruturas e permanências, uma vida cotidiana, com operações, atos e usos práticos, de objetos, regras, linguagens, historicamente constituídos e reconstituídos de acordo e em função de situações, de conjunturas plurais e móveis. Há "maneiras de fazer" (caminhar, ler, produzir, falar), "maneiras de utilizar" que se tecem em redes de ações reais, que não são e não poderiam ser mera repetição de uma ordem social preestabelecida. A tessitura das redes de práticas sociais reais se dá através de usos e táticas dos praticantes, que inserem na estrutura social criatividade e pluralidade, modificadores das regras e das relações entre o suposto poder das estruturas e dos dominantes e a vida dos que a ele estão, supostamente, submetidos.

A maneira como a escola se relaciona com a família pode ser ampliada, o acesso à escola, ao professor e aos pais através agenda escolar é possível, este instrumento pode ser mais uma porta de entrada, facilitando o acompanhamento da vida escolar. Mudar o modo tradicional de manipular este instrumento dando a ele um lugar de diálogo e não apenas de informação.



### 3.1 AGENDA ESCOLAR DA MILHENA

Abaixo está a exibição uma página da agenda escolar da Milhena referente ao mês de maio de 2017, nela está colada uma folha ofício impressa com o informativo mensal da escola onde ela estuda.



A Milhena, estuda numa escola pequena do bairro Gradim próximo ao centro da cidade do município de São Gonçalo, cidade do Rio de Janeiro. Essa escola costuma mandar este bilhete padrão para informar as atividades do mês. A escola sempre envia o calendário escolar, como este na imagem acima, no início de cada mês. Este bilhete é organizado da seguinte forma: todas as atividades daquele mês estão na tabela exibida na parte superior da folha e embaixo desta tabela estão escritas as

definições dessas informações corroborando com detalhes todo o processo daqueles dias de atividades como: valor, horário, e etc.

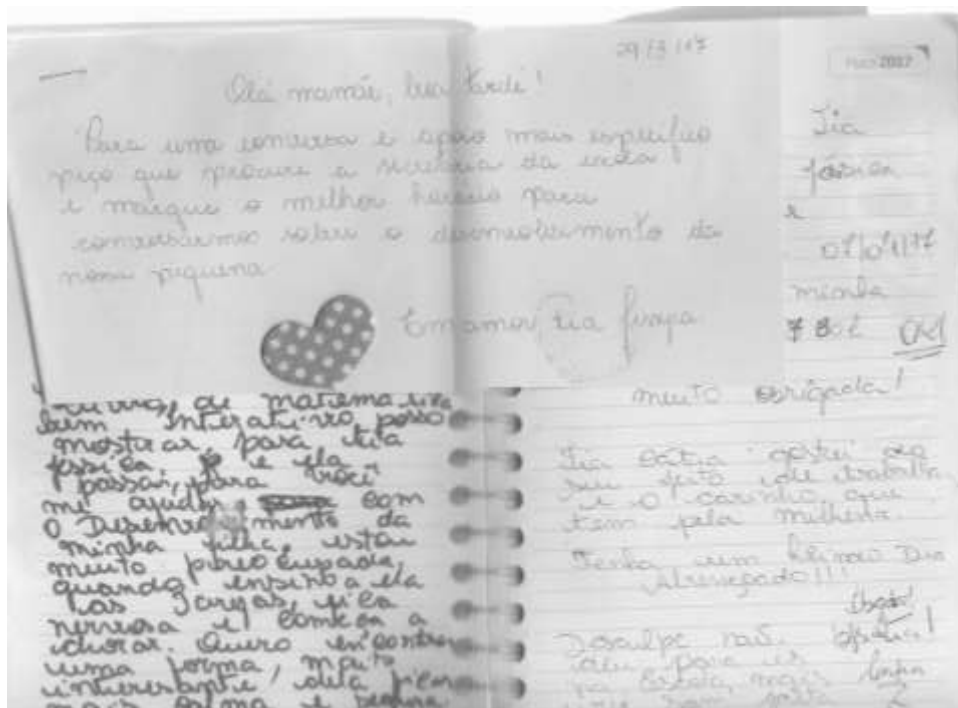


Nesta página da agenda escolar a mãe da Milhena está pedindo à Jéssica (orientadora pedagógica) para conversar com a professora Márcia depois do horário de aula. Porque ela está preocupada com o rendimento escolar da sua filha na matéria de matemática. A mãe pergunta na segunda página se na escola tem aula de reforço escolar e pede para ser avisada caso tenha. Abaixo a Orientadora responde, sem especificar o nome da mãe, inicia a conversa tratando ela apenas como “mamãe” e pede para ela ligar para a secretaria da escola para agendar um horário no qual ela possa se encontrar com a professora da sala de aula na escola, porque não é possível se encontrarem naquele dia após o término da aula, porque haveria prova.

Este bilhete foi escrito no mês de abril, porque a mãe já está percebendo que a Milhena não está acompanhando bem os conteúdos. Vejo neste bilhete, que não é a escola quem está procurando a mãe para informar a respeito do rendimento escolar da Milhena, mas é a mãe quem está procurando a escola para comunicar e resolver esta questão, a saber, o rendimento escolar de sua filha. A mãe antecipa uma possibilidade

de intervenção mesmo antes de confirmar com a professora essa questão, uma vez que percebeu que a filha dela não está aprendendo os conteúdos da disciplina matemática. Então pergunta se na escola há uma turma de reforço escolar. Se houver, ela gostaria de ser informada. Possivelmente para matricular a Milhena a fim de que ela tenha um acompanhamento mais próximo desta disciplina.

Pode até ser que a escola tenha falado ou ainda vá se pronunciar em relação e recado. Contudo, podemos perceber uma vontade da família em tentar um meio de diálogo informal e rápido com a escola, sobretudo, com a professora da sala de aula.



Apresento um novo bilhete em que a mãe da Milhena tenta novamente um contato direto com a professora da classe. É possível ler no recado o aviso da mãe dizendo:

*“...estou preocupada muito preocupada, quando ensino a ela as tarefas, ela fica nervosa e começa a chorar. Quero encontrar uma forma, mais interessante dela ficar mais calma e segura.”* Fala da mãe.

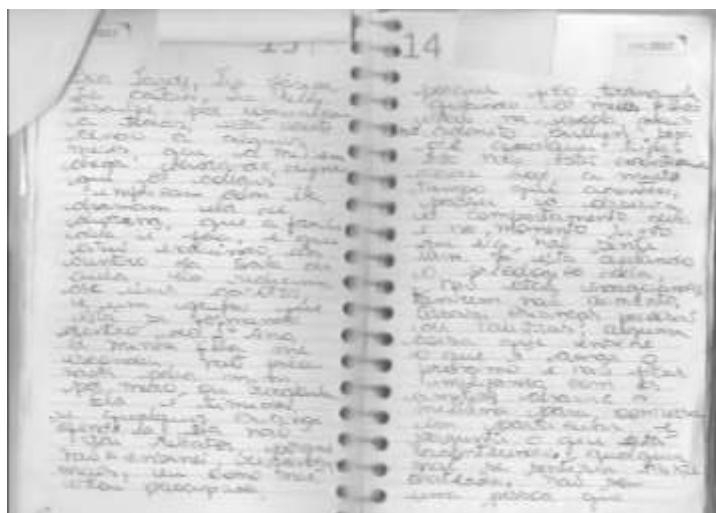
Mais uma vez, a orientadora escolar responde o bilhete direcionado à professora da sala de aula, orientando a mãe, novamente, a procurar a secretaria da escola e marcar um horário para conversarem sobre o desenvolvimento da Milhena na escola.

Em uma dessas conversas com a mãe, ela conta que nesta escola a professora recebe a orientação da direção escolar para encaminhar todos os bilhetes dos pais para a orientação pedagógica ou direção da escola. A professora não pode se pronunciar nas agendas do educando da maneira que achar necessário. Todas as respostas são padrão direcionadas pela direção, com exceção de elogios ou incentivo sobre as atividades dos educandos nas agendas escolares.

Na segunda página, a mãe escreve alguns elogios para a professora da classe. Ela diz que gosta muito do jeito dela trabalhar e o do carinho que ela sente pela sua filha. Ela continua mais abaixo se desculpando por não ter ido à escola agendar um horário, mas promete fazê-lo num outro momento.

Ao ler esse bilhete, perguntei à mãe sobre os elogios feitos à professora da classe, curiosa para entender como ela soube do modo como a professora trabalha. A mãe contou que encontrou com a professora no mercado antes do horário da aula, ambas moram ali por perto e conversaram sobre a escola e sobre Milhena e as aulas de matemática. Então, disse que agora quando quer falar com a professora já sabe onde ela mora e vai pessoalmente à casa dela para conversar.

Perguntei o motivo pelo qual ela não marcava a reunião na secretaria e ela respondeu que não tinha créditos no aparelho celular para ligar para a escola e quando era para ir à secretaria tinha que ser no mesmo horário das aulas escolares.



Estas  
acima são das  
agenda escolar



imagens  
páginas da  
da educanda

Milhena referente ao dia quinze de Junho de 2017, embora por falta de espaço, a mãe utilize as páginas seguintes para escrever o mesmo bilhete, a direção da escola também escreve em seguida, não considerando a data da página. A mãe diz assim no bilhete :

*“Boa tarde, tia Jéssica, Tia Cátia, Tia Kelly (coordenação e direção escolar) desculpe, por comunicar a todas, está acontecendo a alguns meses que a Milhena chega chorando dizendo que os colegas implicam com ela, a chamam de chorona, que a família dela que a família dela é feia, e que estão excluindo ela dentro da sala de aula, ela reclama de uns garotos e um grupo que está se formando dentro do primeiro ano. A minha filha me escondeu, não falou nada para mim, por medo, ou vergonha. ela é tímida, se qualquer criança ofende-la, ela não vai rebater, porque não ensinei responder, mas eu como mãe estou preocupada, porque fico tranquila quando os meus filhos estão na escola, mais não admito bullying (Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas). Seja de qualquer tipo. Isto não está acontecendo desde hoje a muito tempo que acontece, passei a observar o comportamento dela e no momento sinto que ela não se sente bem. Já está afetando o psicológico dela, não estou exagerando, também não aumento. Essas crianças precisam de palestras, alguma coisa que ensine o que é amar o próximo e não ficar implicando com os amigos, chame a Milhena para conversar em particular e pergunte o que está acontecendo. Qualquer mãe se sentiria triste, chateada. Não sou uma pessoa que reclamo do colégio, mas se tratando dos meus filhos eu viro uma "fera", não quero tomar providencia a ponto de falar com os pais dessas crianças. Não sei se vai resolver mais isso não pode continuar quero encontrar a solução na paz, não na guerra. Eu sei que são crianças mais hoje são pequenos amanhã adultos, sem caráter excluindo as pessoas fazendo coisas piores. Desculpe-me pelo jeito de me expressar.*

*Ver minha filha em prantos nesses meses reclamando dos colegas me deu uma vontade de gritar e dizer para essas crianças o verdadeiro sentido da vida e de uma família feliz. Amanhã posso conversar com vocês! Obrigada, boa tarde”.*

Página ao lado, resposta da coordenação pedagógica no dia dezesseis de junho de 2017: *“Olá mamãe, boa tarde.*

*Compreendemos sua colocação e gostaríamos de ouvi-la. Agende na secretaria conforme orientado anteriormente. Já estamos em conversa com a turma para evitar tais transtornos. Conte conosco sempre! Com amor Tia Jessica”*

Desta vez, a mãe da Milhena registra um recado na agenda endereçado à direção da escola. Ela já sabe que não consegue dialogar com a professora da sala de aula através da agenda escolar, mas ela ainda continua investindo neste meio de comunicação, mas agora como a direção costuma responder aos seus recados a mãe direciona o bilhete a todos os responsáveis daquela escola, na busca de uma satisfação em relação ao ocorrido, descrevendo a sua angústia e incentivando a direção a realizar palestras que provoquem uma conscientização, reparando desta forma as ofensas que a Milhena sofreu na escola, segundo o seu depoimento em casa.

Ao final do texto pede um agendamento: *“Amanhã posso conversar com vocês?”.*

A resposta é sempre padrão, pede que entre em contato com a secretaria da escola e agende um horário. Podemos notar que em nenhum dos bilhetes acima a mãe foi chamada pelo seu nome.

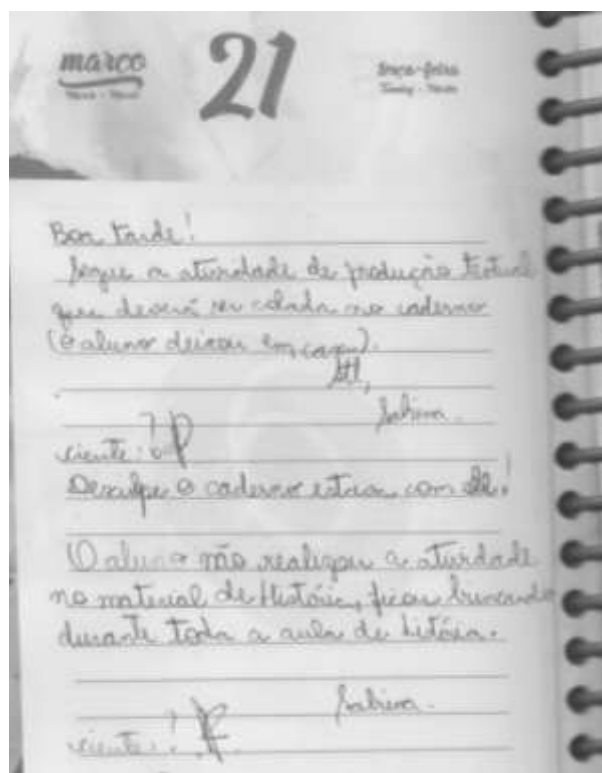
Este foi o último bilhete que a mãe escreveu na agenda neste ano. Apenas os comunicados informativos e cientes foram preenchidos nesta agenda.

A Milhena está fazendo aulas de reforço duas vezes na semana, ela está em processo de alfabetização e a comunicação com a escola só acontece informalmente

nos encontros da mãe com a professora nas ruas e mercados locais. Este período de distanciamento, quando a mãe não conseguia conversar com a professora, prejudicou o processo de aquisição da aprendizagem da Milhena, uma vez que não está sendo simples para a família entender como poderiam ajudar a Milhena nas atividades de casa. O período de apropriação da escrita e da leitura é delicado, e quando ele não é bem assistido pode afetar emocionalmente a criança. Mas, agora as conversas sobre o rendimento escolar da Milhena dentro da instituição só acontecem nas reuniões de pais e mestres realizadas trimestralmente pela escola.

### 3.2 AGENDA ESCOLAR DO ISRAEL

Abaixo está a exibição uma página da agenda escolar do Israel referente ao mês de março.





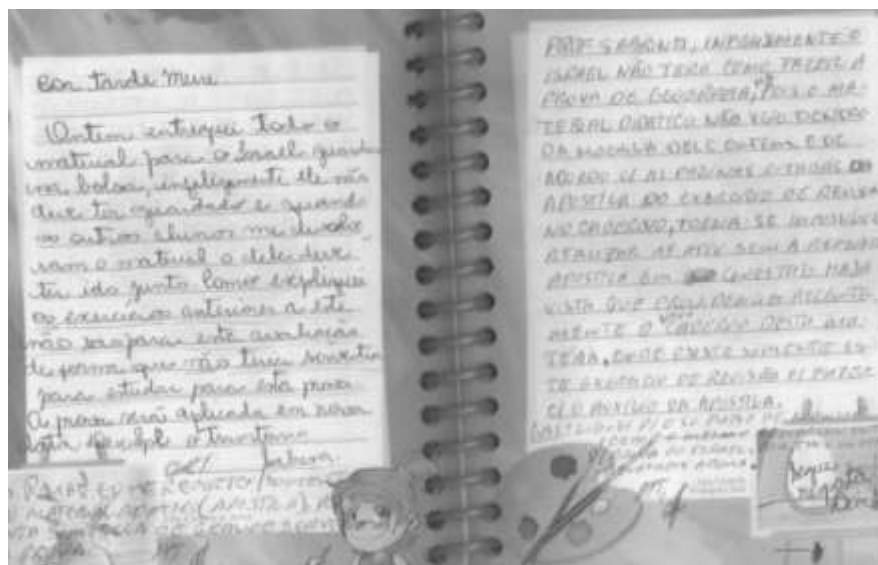
Registro nesta página da agenda escolar:

*“Boa, tarde. Segue a atividade de produção textual que deverá ser colada no caderno (o aluno deixou em casa). Atte. Sabrina. Desculpe o caderno estava com ele! O aluno não realizou a atividade no material de história, ficou brincando durante toda a aula de história. Sabrina. Ciente:”*

Essa página da agenda do Israel foi trazida neste trabalho de monografia com a intenção, sobre tudo, de mostrar a data vinte e um de março. Este é o segundo mês letivo do ano, e mostra que desde o início das aulas esta professora está se comunicando com a mãe através da agenda escolar. Nesta página foi observado que quem inicia a conversa de forma informal é a professora da sala de aula, Sabrina. Ela registra que foi uma atividade para casa que deveria ser colada no caderno. Depois ela se retrata pedindo desculpas, pois reconhece que o caderno estava com ele em sala.

A mãe do Israel contou que a sala de aula é atípica. Esta turma só tem seis estudantes e há boatos de que no ano que vem ela não vai mais funcionar como escola.

Segundo ela, o espaço físico desta escola é excelente, é uma escola que já está há muito tempo no bairro. A mãe admite ter, frequentemente, conflitos com a professora do Israel e o motivo, segundo a mãe, é que a professora discrimina o



educando por causa da indisciplina do mesmo. Contudo, podemos ler nos registros da agenda, ele parece ser um menino descomedido, não atende aos pedidos da sua professora para realizar as atividades de classe. E a professora, na tentativa de mobilizar a família registra essa situação de maneira clara na agenda. E a mãe assina estar ciente.

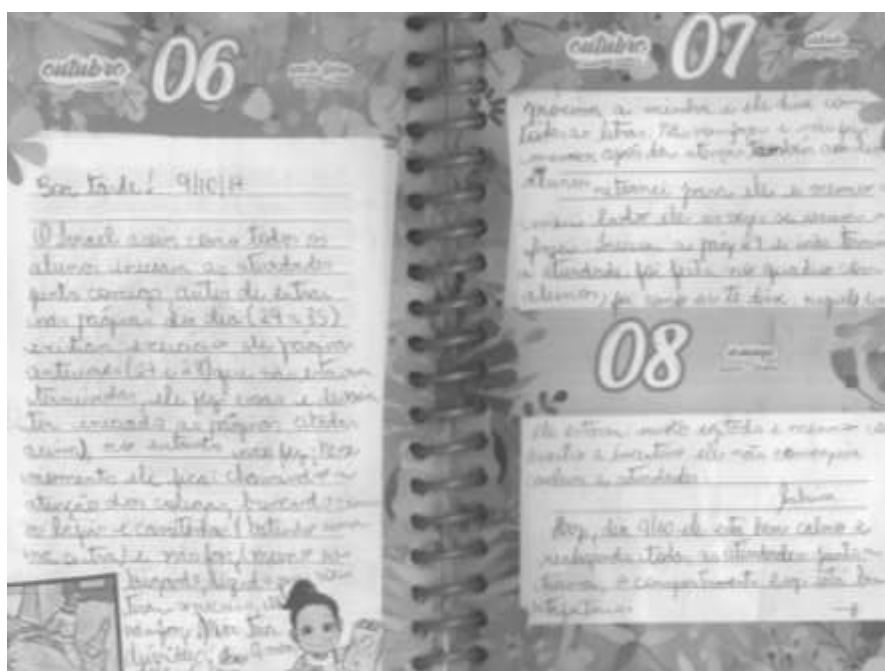
Esta página acima, apresento a conversa que ocorre no mês de julho e fala a respeito da prova de História: *“Boa tarde Meire, ontem entreguei todo o material para o Israel guardar na bolsa, infelizmente ele não deve ter guardado e quando os outros*

*alunos me devolveram o material dele deve ter ido junto”. Como expliquei os exercícios anteriores a este não são para esta avaliação (prova) de forma que não teria serventia para estudar para esta prova. A prova será aplicada em nova data. Desculpe o transtorno. Sabrina.*

*Resposta da mãe na segunda página: Prof. Sabrina, infelizmente o Israel não terá como fazer a prova de geografia, pois o material didático não veio dentro da mochila dele ontem e de acordo com as páginas citadas da apostila do exercício de revisão no caderno, torna-se impossível realizar as atividades sem a referida apostila em questão. Haja vista que providenciei recentemente o novo caderno desta matéria. Existe somente este exercício de revisão para fazer com o auxílio da apostila.”*

Conversando com a mãe de Israel, ela contou que, em sua opinião, a professora não está se dedicando ao educando, designando a ele a atenção necessária para que ele possa ter um bom desempenho escolar. Ela expõe que já comprou materiais escolares novos como o caderno de história, porque a escola perdeu o caderno. E ela diz que quase sempre o Israel não recebe a matéria da prova com antecedência para estudar. É importante notar nessas páginas da agenda do Israel que ambas se abordam pelos seus primeiros nomes.

A mãe do Israel está muito preocupada com a aprendizagem dele neste ano. Ela percebe que não houve um desenvolvimento consistente em relação à apropriação dos conteúdos do terceiro ano e ela entende que a escola está desorganizada.

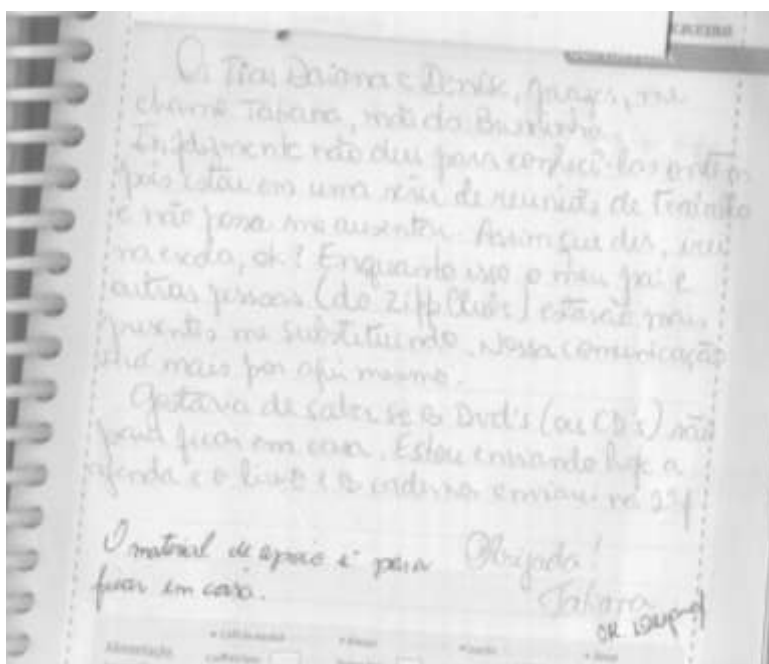


Nesta página a professora registra o comportamento o Israel: *“Boa tarde, o Israel assim como todos os alunos iniciaram as atividades junto comigo, antes de entrar nas páginas do dia (29 a 35) existiam exercícios de páginas anteriores (27 e 28) que não estavam terminados, ele fez essas e deveria ter iniciado as páginas citadas acima, no entanto não o fez; nesse momento ele fica chamando a atenção dos colegas, brincando com o lápis e capetinhas (batendo uma na outra) e não faz (mesmo eu brigando, dizendo que vou tirar o recreio ele não faz.) não tira dúvidas. a mesa dele é bem próxima a minha e ele disse com todas as letras: não vou fazer e não fez mesmo, após dar atenção também aos demais alunos retornei para ele e mesmo ao meu lado ele as se recusa a fazer. Iniciou a página 29 e não terminou a atividade foi feita no quadro com os alunos, foi como eu te disse: naquele dia ele estava muito agitado e mesmo com auxílio e incentivo ele não conseguiu concluir as atividades.*

*Hoje, dia 9/10 ele está bem mais calmo e realizando todas as atividades junto a turma, o comportamento hoje está bem satisfatório...”*

Este bilhete foi escrito em outubro e nos mostra que durante todo o ano a professora e a mãe mantiveram a comunicação, o diálogo, através deste instrumento de correspondência. A fim de resolverem questões importantes a respeito da disciplina do Israel em sala de aula. A professora descreve o comportamento dele mostrando o que está acontecendo de imediato. No outro dia registra a mudança do mesmo na agenda. Vemos que há um acompanhamento quase que diário a respeito desse dilema que eles estão vivenciando. Sendo assim, até que esta questão se resolva, se assim pudermos afirmar, existe um valor muito grande neste registro. A professora poder falar diariamente com a mãe e a mãe pode falar diariamente com essas professoras quando há uma questão tão importante em jogo. Urgente, mas não grave. Um problema que não se resolve em apenas um dia de reunião e o outro só daqui a dois, três meses, quando houver uma outra reunião de pais. Existem casos que precisam de acompanhamento diário e também de auxílio profissional as famílias.

### 3.3 - AGENDA ESCOLAR DA BRUNA



Esta imagem acima é a página da agenda escolar da Bruna. Nela a mãe da Bruna descreve a meio com o qual ela pretende se comunicar com a escola: "Oi tias Daiana e Denise , prazer, me chamo Tatiana, mãe da Bruninha. Infelizmente não deu para conhecê-las ontem, pois estou em uma série de reuniões de trabalho e não posso me ausentar. Assim que der, irei na escola, ok? Enquanto isso, o meu pai e outras pessoas do ZIPP Clube estarão mais presentes me substituindo. Nossa comunicação será mais por aqui mesmo. Gostaria de saber se os DVD's (ou CD's) são para ficar em casa. Estou enviando hoje a agenda e o livro e os cadernos enviarei na 2º feira, Obrigada! Resposta da professora: "o material de apoio é para ficar em casa."

Nesta página da agenda quem inicia o diálogo informal é a mãe da educanda, no mês fevereiro. Ela cumprimenta as duas professoras regentes e retrata por ter faltado a primeira reunião de pais, também informa a escola que a comunicação dela com as professoras será pela agenda mesmo. Ela também diz que outras pessoas estarão nestas conversas que é a professora de reforço escolar do ZiPPCLUBE e o avô. Ela finaliza com uma pergunta que é respondida pela professora informalmente no canto da folha sobre o material escolar: "o material de apoio é para ficar em casa."



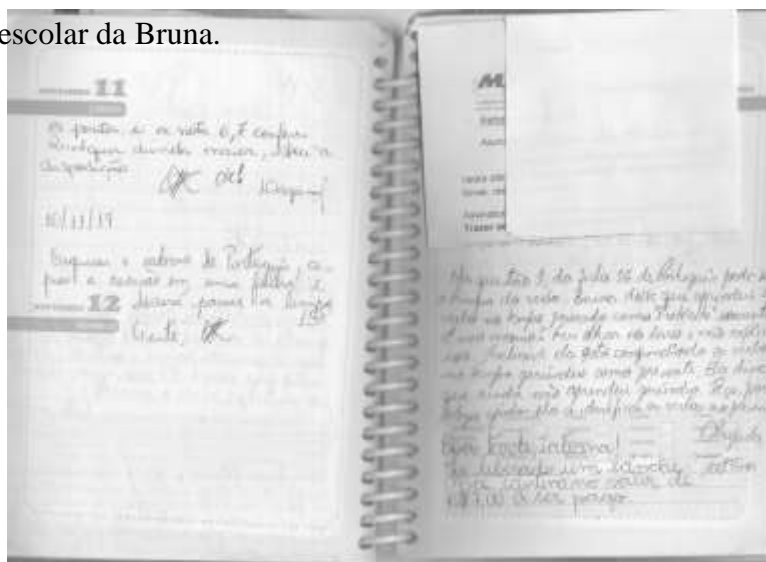
Neste bilhete da agenda da Bruna, está escrito, fala da mãe: *“Tia Dayana, tive um feedback da Amanda sobre a falta de concentração e desatenção em sala de aula por parte da Bruna. Sei que Bruna ainda é assim, por isso gostaria muito da ajuda de vocês para chamar a atenção dela sempre que estiver distraída na explicação ou em uma atividade, até que ela melhore. Quando ao fato dela levantar em sala para falar com outros colegas já conversei com ela, ela continua com esse comportamento ainda? Assim posso corrigir melhor isso. Aproveitando...Bruna tem algum comportamento desrespeitoso com vocês, responde, mente a vocês? Ela não apresenta um comportamento agressivo e nem desrespeitoso, sempre nos ouve e entende quando chamamos a sua atenção. Pois esse é o meu papel, corrigir esses comportamentos. Conto com vocês a estimular mais Bruna a estudar. Tenho conversado com o ZIPP Clube (onde ela fica) sobre as atividades de casa, vai melhorar. Estou aberta a corrigir todos os problemas que há com Bruna, contando com a escola também. Confio em vocês e sei que esse é um bom ensino para o desenvolvimento da minha filha.*

Resposta da professora: *"Boa tarde Tatiana, agradeço o contato e a preocupação em relação ao comportamento da Bruna, realmente ela é bastante distraída e às vezes se perde no que está fazendo, mas estamos sempre conversando e chamando a sua atenção."*

Fala da mãe: "*Lembrei de mais um assunto. Gostaria de saber se terá outro livro, porque o livro acabou para algumas matérias. Em relação ao material didático, chegará novos para o 2º bimestre. Estamos à disposição para dúvidas e conversas.*"

Neste bilhete a mãe e as professoras se comunicam a respeito de duas questões, o desempenho e o comportamento desatento da Bruna durante o horário de aula. A mãe descreve a sua confiança na escola e na disciplina exigida pelas professoras. Reconhece os problemas descritos pelas professoras e chega a pedir ajuda para solucioná-los. Este bilhete é respondido, toda conversa escrita pela mãe é confirmada pelas professoras que também são sinceras quando dizem que sempre estão “chamando a atenção” da Bruna durante a aula.

Conversam mais sobre o material didáticos. Ambas se chamam pelo nome e de maneira informal conseguem se comunicar a fim de esclarecer dúvidas do cotidiano escolar, tais como sobre os materiais didáticos e a contribuição da família no o aprendizado escolar da Bruna.





Este bilhete da agenda escolar comunica: Fala da professora: *...os pontos e a nota 6,7 confere. Qualquer dúvida maior, estou à disposição. Dayana. 10/11/17: Esqueceu o caderno de português, copiou a revisão em uma folha e deverá passar a limpo. Ciente: " Resposta da mãe: Na questão 1, da ficha 16 de Português pede-se o tempo do verbo. Bruna disse que aprendeu o verbo no tempo passado como pretérito somente. é isso mesmo? Fui olhar no livro e não explica isso. Inclusive ela está confundindo os verbos no tempo gerúndio com presente. Ela disse que ainda não aprendeu gerúndio. Peço por favor a gentileza de ajuda a ela a identificar os verbos no presente. Obrigada!" Resposta da professora: Boa tarde Tatiana! "Foi liberado um lanche na cantina no valor de sete reais a ser pago..."*

Neste bilhete da agenda foi escrito no mês de novembro, o que nos diz que o diálogo entre a escola e a família aconteceu durante todo o ano letivo. Numa linguagem em que o importante era se fazer entender, nas suas necessidades diárias, com muita humildade e respeito, tratando-se sempre de maneira respeitosa e sensível.

Na leitura dessas páginas da agenda escolar e também em diálogo com as mães, percebi que na escola da Milhena os bilhetes registrados nas agendas oriundos da escola eram utilizados como principal meio de informar os familiares sobre o cotidiano escolar. Foram encontrados, em sua maioria, recados que se resumiam a frases padrão para todos os integrantes da turma, demonstrando um pouco de descomprometimento com a individualidade de seus educandos, e os recados registrados pela família também eram respondidos de forma padrão pela orientação da escola.

Entretanto, na escola do Israel e da Bruna percebi que os bilhetes revelam um diálogo entre a escola e os responsáveis, no caso da Bruna a mãe convida a professora para esse diálogo através da agenda e no caso da mãe do Israel, ela é convidada pela

professora para esse diálogo, não tão direto como no caso da Bruna, mas de um modo sutil que foi se dando conforme a necessidade de se resolver alguns dilemas. Este meio de comunicação foi muito importante neste ano letivo, sobretudo o acesso que ele oportunizou às professoras da turma, Uma vez que elas se apropriaram da agenda escolar como meio de comunicação, a fim de resolver alguns pontos pertinentes ao desenvolvimento educacional dos educandos na instituição, encurtando a distância burocrática que, por muitas vezes, a instituição pode impor, como aconteceu no caso da Milhena, segundo as observações.

## **CONCLUSÃO**

Nesta pesquisa busquei mostrar como acontece a comunicação diária entre a escola e a família. Para realizar este estudo, recolhi informações das agendas escolares de três estudantes de escolas privadas distintas da cidade de São Gonçalo no Estado do Rio de Janeiro. Educandos do reforço escolar, no qual trabalho. E também, busquei elementos das conversas junto as mães desses estudantes para que pudesse compreender como elas entendiam a escola, e como dialogavam com ela. Uma vez que são mulheres trabalhadoras e, na maior parte do tempo, encontram-se no seu trabalho. Como poderiam ser presentes se, na maioria das vezes, estão ausentes da rotina escolar de seus filhos? Vi que elas encontraram uma porta de entrada na escola através da agenda escolar, tentando assim, se comunicar com a professora da sala de aula.

Para compreender esse processo no qual essas famílias ressignificam um instrumento escolar que por muitas outras famílias e escolas é um instrumento tradicionalmente usado apenas para transmitir informações aos familiares sobre os acontecimentos escolares, através de respostas ou procedimentos padronizados da própria escola. Contudo, esta tentativa de diálogo da família não depende apenas dela, como vimos no caso da Milhena, é preciso que o destinatário (família e escola) se mostre aberto para o diálogo. A família e a escola devem ter o interesse em manter esse meio de comunicação mútuo.

A primeira educanda é a Milhena, que cursou neste ano o primeiro ano do Ensino Fundamental. O segundo é o Israel que cursou o terceiro ano do Ensino Fundamental. E por último, a Bruna que cursou neste ano o quarto ano do Ensino Fundamental.

As informações sobre a agenda escolar que citei neste trabalho foram cedidas pelas mães através das agendas escolares de seus filhos. E as conversas foram realizadas de modo informal durante alguns poucos dias em nos encontramos nos horários de entrada e saída das aulas de reforço escolar, ao qual sou professora. Não houve nenhum contato com as escolas destas crianças, somente com as mães e as agendas escolares, por esse motivo ocultarei o nome dessas escolas. Também optei por não tratar as mães neste trabalho pelos seus nomes, porque tenho a intenção de provocar a inquietação nos leitores que me move nessa pesquisa: o fato sobre milhares mães trabalhadoras da classe popular, que buscam meios de se fazer presente na vida escolar de seus filhos mesmo distante, porque precisam trabalhar. Para desenvolver a pesquisa dialogo com alguns conceitos consolidados historicamente pautando na classe trabalhadora. Neste trabalho de pesquisa apresentei alguns bilhetes das agendas escolares destas crianças citadas à cima e dialogo com dois autores, Patto e Freire, que

me ajudam a entender a história destas famílias populares que ao longo do tempo têm sido marcadas por ideologias preconceituosas. Busco em Freire respostas de resistência a este movimento político e histórico que por anos vem desqualificando ideologicamente o compromisso da classe popular com seus filhos na sua vivência escolar.

Reestruturando as regras, essas famílias resinificam este instrumento escola, a saber a agenda. Sendo eles recriados por quem os manipula resultando em outras funcionalidades visando à praticidade no acompanhamento da rotina escolar dos seus filhos. Em tempos modernos e ajustando-os a suas demandas. Algumas famílias se apropriaram da agenda escolar como meio de comunicação juntamente com a professora da sala de aula, que por sua vez, também fez uso da mesma para se comunicar com a família. Resolvendo diariamente questões importantes a respeito da vida escolar das crianças. Em casos específicos de professores que precisam da parceria das famílias intervindo nas situações, ou o contrário, a família que precisa contar com este professor da sala de aula para intervir em algum momento, este é um meio de comunicação oportuno, comum a família e aos mestres. Me valho desta pesquisa para incentivar a família e aos professores nesta prática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda (UERJ) OLIVEIRA, Inês Barbosa (UERJ/UFF)- Certeau e as artes de fazer - pensando o cotidiano da escola, 1998

Artigo - A família Pobre e a Escola Pública: Anotações Sobre um Desencontro. Maria Helena Souza Patto Instituto de Psicologia- USP (1992)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Revisitando a Pré-escola – Regina Leite Garcia (Org.) Discutindo a escola pública de

Educação Infantil – a reorientação curricular –Regina leite Garcia e Alfabetização na Pré-escola – Carmen Sanches Sampaio (2000)

ANEXO